

Resumo: O artigo é um ensaio sobre a Teologia “teórica e prática” de Dom Afonso Niehues, a partir de suas homilias e discursos, pronunciados ao longo dos 25 anos do seu pastoreio à frente da Arquidiocese de Florianópolis. Da “Teologia teórica da Vinha” ressalta: a) o Reino, como objetivo divino para o homem e para o mundo, e b) a Igreja, como o organismo humano de Deus no mundo. Quanto à “Teologia prática do Esclarecimento”, focaliza: a) o fenômeno da secularização, b) o vendaval do Vaticano II, c) a missão da Igreja no campo social.

Abstract: The article is an essay about “theoretical and practical” theology of Don Afonso Niehues, based on his homilies and speeches delivered during his 25 years as Bishop of Florianópolis. Concerning the “theoretical theology about the Vineyard” stress is laid (a) on Reign of God as the design of God on behalf of man and the world, and b) on the Church as a human organization in the hand of God in the world. As for the “practical theology of explanation” the focus concentrates on a) the phenomenon of secularization, b) the innovation of II Vatican Council, c) the mission of the Church in the social area.

Fidelidade à Vinha

Teologia teórica e prática de Dom Afonso Niehues

*Vitor Galdino Feller**

* O autor, presbítero e Vigário Geral da Arquidiocese de Florianópolis, é Doutor em Teologia e Diretor da FACASC e do ITESC.



Introdução

Não é tão fácil, quanto possa parecer, destrinchar os fundamentos teológicos do ensinamento pastoral de um bispo. Sobretudo no caso de Dom Afonso, por dois motivos: primeiro, porque a teologia que ele segue é a do Magistério da Igreja, na forma do Concílio Vaticano II, das Conferências de Medellín e de Puebla, dos ensinamentos do Papa e dos Documentos da CNBB. Por isso, bastaria concluir desde já este artigo dizendo: ele é um seguidor fiel do ensinamento de Cristo, pela palavra da Igreja, atualizada para a realidade de seu tempo e do nosso continente. Segundo, porque seus ensinamentos não apareceram na forma expositiva, de ensaio, mas, na da pregação. Poucos são os escritos ex-professo de Dom Afonso. Na verdade, ele escreveu apenas uma Carta Pastoral. O que tivemos em mão, como fonte de pesquisa, são fotocópias de homilias e discursos proferidos cá e acolá, sempre delimitados pela situação e pela ocasião. Como descobrir seus fundamentos teológicos? Não há aí a tentação de enquadrar em um determinado esquema todo um jeito de pregar (e, portanto, de ser) que justamente foge de esquemas? Diferente é situar a teologia de um teólogo, ou mesmo de um pastor que haja deixado muitos escritos. Pois o fato de alguém escrever o que pensa é já esquematizar o próprio pensamento e, portanto, permitir que outro continue a fazê-lo, e ainda mais, a seu respeito. Não é assim, contudo, com quem só fala e anuncia, seguindo mais o Espírito da verdade e da realidade, e menos a letra e a forma dessa Palavra.

Estamos, portanto, diante de um desafio: recolher o que está disperso em forma de homilias e discursos (a forma do Pastor) para dar-lhe uma forma de pressupostos, argumentos e conclusões (a forma do Teólogo). Certamente, o mesmo Espírito que atua em um e outro há de servir como ponte de passagem. Mas, além dessa ajuda, interna e inerente, do Espírito, temos no próprio ensinamento de Dom Afonso um caminho seguro que nos auxilia no entendimento de seu próprio discurso. Trata-se de seu lema episcopal (“*Ide (também vós) para a (minha) vinha*”), como teologia teórica de fundo, e do seu jeito de pregar (o esclarecimento para os simples e perplexos sobre os fenômenos de mudança dos nossos tempos), como teologia prática manifesta.



1 Uma teologia teórica da vinha

a) O Reino: objetivo divino para o homem e o mundo

Dom Afonso vê o mundo, os homens e a Igreja com os olhos de Deus. Eles vêm de Deus, são por ele sustentados e se encaminham para a consumação no seu amor. Tudo está dentro de um plano pré-determinado de salvação (Ef 1,1.1-12). Todos são chamados para a vinha! A vinha é, ao mesmo tempo, o mundo, a humanidade, a Igreja. E, nela vai se construindo, no encontro livre, no diálogo aberto entre Deus e o homem, o Reino de Deus. Neste encontro e diálogo de parceiros, o homem tem a inteira liberdade de, no uso abusivo de sua liberdade, negar-se a participar da vinha e, portanto, do Reino. Entre os dois, por isso, estabelece-se uma trama de relações, um drama de situações, em que, na ótica de um dualismo negativista, tudo parece desmoronar e o anúncio do Reino parece cair em mera ilusão ótica e utópica.

Com efeito, após afirmar sobre o padre (sobre si mesmo, enfim) que este é “um cidadão na terra dos homens”, Dom Afonso constata:

“Deus ilumina, o homem confunde; Deus entusiasma, o homem rodeia; Deus abre o coração, o homem se fecha; Deus quer, o homem resiste; Deus ama, o homem passa ao largo; Deus é transparente, o homem é opaco; Deus impulsiona, o homem emperra; Deus revela, o homem esconde; Deus se mostra presente, o homem não o reconhece”¹.

Ditas em ocasião tão festiva, como a dos 50 anos de padre, estas palavras não podem ser interpretadas no sentido dualista-negativo de que entre Deus e o homem não seja possível o diálogo e a construção conjunta do Reino do amor. Elas devem, antes, ser entendidas no sentido de que ao homem cabe a resposta. Na verdade, se sua resposta for positiva, ele se tornará alguém novo, diferente, realizado como homem. É o que se pode concluir desta outra pregação de Dom Afonso, exatamente sobre o chamado-vocação do homem a realizar-se como servidor de Deus e de seu plano:

“Partindo dos pressupostos naturais, a vocação cristã, de qualquer nível que seja, terá condições favoráveis de sentir e secundar a dinâmica da fé e da graça, elementos misteriosos e essenciais que, em última análise,

¹ Mensagem, na brochura “Lembrança do Jubileu de Ouro da Ordenação Sacerdotal de Dom Afonso Niehues, Arcebispo de Florianópolis, 1938-1988”.



são os que fazem de um homem comum um homem diferente, do fraco um forte, do ignorante um sábio, do pecador um santo”².

Seguindo os planos de Deus, o homem realizar-se-á como pessoa e irá construindo a sociedade humana nas bases do amor e da justiça. Sem Deus, o homem se perderá nas malhas do próprio egoísmo e na adoração de ídolos que o matam e exigem vítimas nas pessoas dos mais pobres e indefesos.

“Deus é realmente o principal ponto de referência na equilibração moral do homem e na justa organização da sociedade humana. Tudo o mais é volúvel e inconsistente, na atmosfera de agitação em que se debate a atual geração no mundo, parecendo mais um grito na escuridão. O homem não enxerga com clareza os rumos que deve tomar; sua mente, sua consciência, experimenta um período de crise; a conquista da cidadania universal lhe custa enorme soma de sacrifícios. Constata-se, cá ou acolá, angústia e desespero entre a população por causa da impressionante escalada da violência e da criminalidade: é um fenômeno social, dizem, que luta pela mudança das estruturas sociais, para que se tornem mais objetivas, mais igualitárias e mais justas. Causas e metas compreensíveis, sem dúvida, mas que nunca serão atingidas se a peça-chave das estruturas, o homem, não for estruturada corretamente. Ora, sem Deus, o homem organiza as estruturas sociais segundo a imagem e o capricho de seus próprios deuses”³.

A certeza de que agimos dentro de um plano, de que somos agentes de nossa própria salvação, e de que, em consequência, tudo deve ser visto a partir do olhar do próprio autor desse plano, faz Dom Afonso pôr na devida escala de valores todas as realidades terrestres, enquanto afirma algo mais que nossos olhos não veem:

“Se, de um lado, as realidades terrestres têm seu valor próprio e sua beleza natural, procedentes que são do mesmo e único Criador, de outro lado as realidades invisíveis do mundo sobrenatural sobrepujam aquelas em sutileza, dignidade, possibilidades e perenidade”⁴.

² Homilia, na Missa das Vocações, no VIII Congresso Nacional do Serra Clube, em Curitiba, aos 14/10/1976.

³ Homilia, no Dia Nacional de Ação de Graças, de 22/11/1979.

⁴ Instalação do Tribunal Delegado para a Beatificação da Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus, em Itajaí, aos 25/08/1966.



Este plano de Deus é mais uma vez apresentado em forma de eminência e de diferença, em comparação com o modo como somos e vivemos, quando Dom Afonso fala da missão de Jesus:

“Cristo não veio resolver casos, mas trouxe uma visão nova do mundo, um outro modo de ser, pensar, falar e agir; projetou uma luz diferente sobre a existência do homem, sobre seu relacionamento com Deus, com seu semelhante e com tudo o que há no universo”⁵.

É nesse amplo horizonte de fé e de esperança, em um plano de salvação da humanidade, articulado desde sempre pelo Pai da Providência e anunciado por Jesus Cristo, um Deus diferente que nos convida a sermos diferentes do nosso quotidiano pecaminoso, é aí que se insere a teologia da vinha. Dom Afonso sente-se ao mesmo tempo um operário da messe do Senhor e um apóstolo que chama outros operários. A vinha, para Dom Afonso, é o mundo, a humanidade, a Igreja, como destinatários e agentes do plano da salvação, vale dizer, do Reino do amor e da justiça.

Também João Paulo II, ao escrever sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo, entende que “a vinha é o mundo inteiro, que deve ser transformado segundo o plano de Deus em ordem ao advento definitivo do Reino de Deus” (CL 1), enquanto que os homens e as mulheres da Igreja são os chamados a serem os trabalhadores na vinha do Senhor. É dentro dessa mesma perspectiva que Dom Afonso faz teologia. Ele articula o humano e o divino, na vinha. Ele mantém a tensão entre a Igreja e o mundo, na vinha. Ele prega sobre o ser e a missão da Igreja e sobre a situação do homem de hoje, na vinha. Sua teologia é, por isso, um misto entre eclesiologia e antropologia, concentradas no ser e na missão de Jesus Cristo, o qual, contudo, é sempre dado por pressuposto. Em outros termos: partindo, na ordem da intenção, do plano de Deus, e, na ordem do método, da realidade do mundo e do homem, Dom Afonso fala sobre o que é a Igreja e qual a sua missão. Afinal, ele está situado no século da eclesiologia!

b) A Igreja: organismo humano de Deus no mundo

É aqui que se situa a maior densidade de sua teologia. A Igreja ocupa espaço em todo o leque de suas pregações e preocupações. Basta um olhar sobre sua Carta Pastoral “Caminhos de Renovação”. Aí ele sente

⁵ Mensagem de Natal, no jornal “O Estado”, de 25/12/1977.



a Igreja nos três grandes modelos em que frequentemente ela é estudada: instituição, comunhão e missão. Escrevendo sobre a importância do Novo Código de Direito Canônico, Dom Afonso afirma:

*“A Igreja é um corpo social visível, e por isso precisa de normas que definam sua estrutura e seu complexo funcionamento, no meio da pluralidade de raças e nações que o compõem. As leis não podem matar o espírito, pois seríamos sufocados por um puro legalismo; mas a inspiração também não pode ignorar as leis, pois do contrário cairíamos num espontaneísmo individualista e arbitrário, talvez com muita criatividade, mas sem consistência e unidade de vivência e ação”*⁶.

Mas, se a Igreja é um corpo organizado institucionalmente, ela é também comunhão. E, nesse modelo, Dom Afonso concentra um bom espaço para sua reflexão sobre a Igreja, sempre vista por ele como Povo de Deus. Seguindo as constituições do Vaticano II sobre a Igreja (a LG e a GS), Dom Afonso fala frequentemente da Igreja como Povo de Deus, dando realce à missão dos ministérios ordenados como serviço, de sua identidade como fermento e de sua autoridade como busca de diálogo; dando saliência ao lugar dos leigos como membros de uma face renovada da Igreja, agora mais presente no mundo, com o desafio de vencer a descristianização e de transformar as estruturas injustas com vistas à construção de um mundo mais humano; dando espaço às CEBs, das quais fala seguindo a EN 58, como lugar de diálogo, troca de experiências, tomada de consciência dos problemas humanos e sociais, enfim, como lugar básico de comunhão; dando vez aos atos litúrgicos como celebração, diante de Deus, da vida do povo, de suas alegrias e sofrimentos, lutas e conquistas⁷. Igreja instituição e comunhão é também missão. Como Povo de Deus, ela tem a missão de evangelizar a todos os povos e culturas, de educar na fé os seus membros, de converter-se ao lugar e à causa dos pobres, de provocar mudanças no mundo em vistas à construção da nova sociedade, por meio de uma eficaz pastoral social⁸.

Como se vê, Dom Afonso acompanhou a caminhada eclesiológica pós-conciliar. De um acento maior na instituição, nas décadas anteriores ao Vaticano II, para uma descoberta do sentido da comunhão nas décadas de 60 e 70, até desembocar numa visão mais ampla, no horizonte de

⁶ Carta Pastoral “Caminhos de Renovação”, n. 9.

⁷ Cf. *Ibid.*, nn. 1, 2, 5 e 8.

⁸ *Ibid.*, nn. 3, 4, 6 e 7.



sua missão no meio e a partir do mundo, da metade da década de 80 em diante. Deixando para mais adiante as explicações que Dom Afonso dá sobre a missão da Igreja no campo social, aqui seria o lugar para mostrar como ele se mantém atualizado em sua eclesiologia, justamente quando vê a Igreja preocupada com a pastoral social, tema que mereceu, aliás, um número à parte em sua Carta Pastoral. Ali ele apresenta os objetivos, as motivações e os métodos da pastoral social em uma Igreja inserida no mundo, missionária do Reino em meio às estruturas históricas, quase sempre conflitivas:

“A partir de Leão XIII foi surgindo na Igreja uma pastoral social mais questionante. Seu sentido é mais amplo e profundo. Tomando consciência da igual dignidade da pessoa humana, com deveres sim, mas também com direitos, a pastoral social, segundo essa nova concepção, visa defender a pessoa contra a exploração do homem pelo homem. Pretende influir na introdução de sistemas econômicos mais justos, que evitem o surgimento de desigualdades exageradas entre pessoas, entre grupos de pessoas, entre nações... Mais cômodo seria pregar uma fé intimista, reservada ao íntimo dos corações, que não bulisse com a sociedade e a organização do mundo temporal; nessa hipótese teríamos que pretender construir o castelo da fraternidade sobre o escândalo das desonestidades e injustiças, o que seria um terrível contrassenso. Para tanto, é indispensável que o cidadão cristão adquira uma consciência crítica da realidade. Crítica competente e construtiva, respeitadora das pessoas e não descaridosa, objetiva e não egoística e parcial, incitadora do diálogo e negociação, não de violência, fundamentada em fatos ou situações reais, não em boatos ou fantasias, mais voltada à ação do que às palavras”⁹.

Para terminar este primeiro ponto, apresento outra citação em que a eclesiologia de nosso Arcebispo aparece de modo claro e conciso, digna das páginas de qualquer grande eclesiólogo dos nossos tempos. Escrevendo ao jornal “O Estado”, na intenção de desfazer alguns equívocos gerados por manifestações suas sobre a missão da Igreja no campo social, Dom Afonso ensina:

“A Igreja tem o seu ponto de partida e sua segurança no Evangelho, mas tem em mira o homem, o homem novo, real e concreto; por isso, analisa os problemas sociais, políticos e econômicos que o envolvem e condicionam, sob o prisma da fé. Seu objetivo é instaurar o Reino de Deus entre os homens, empenhar-se para implantar a ordem cristã no

⁹ Ibid., n. 6.



mundo. Neste contexto, ela atinge o homem em duas grandes dimensões: em sua fé e em sua moral. Propõe a Palavra de Deus, anunciada por Cristo e contida na Escritura, que prepara a geração da fé pela graça, e aponta o testemunho de vida de Cristo e sua orientação como normas de conduta moral. Se, de um lado, revela o mistério de Deus, de outro lado, revela ao homem o sentido de sua própria existência. Podemos afirmar que a Igreja é o organismo humano de Deus no mundo, com a missão de conduzir o homem a seu destino eterno”¹⁰.

2 Uma teologia prática do esclarecimento

Ornado com a preocupação de pastor, Dom Afonso não perde a paciência em esclarecer seu povo diante da perplexidade de muitos face às mudanças acontecidas na Igreja e no mundo nestas últimas décadas. Por isso, pode-se dizer que sua pastoral se resume numa teologia prática de esclarecimento. Naturalmente, não se trata do “esclarecimento” no sentido filosófico que esta palavra – em alemão, *Aufklärung* – adquiriu no século XVIII, sobretudo na Alemanha. Dom Afonso não é um filósofo! Mas, vive uma filosofia que se centra no entendimento máximo possível de como se dão as relações, de como são as coisas, de como acontecem os fatos. E essa preocupação em trazer luz e clareza para o melhor entendimento dos acontecimentos e coisas chega também a ser o núcleo (esclarecedor, por sua vez) da sua atividade pastoral. Pela leitura de seus escritos, deduz-se que sua preocupação de pastor passou sempre por uma sistemática e quase que obsessiva prática de esclarecer para o povo os mistérios de Deus, da Igreja e do Homem. Ele se vê sempre, desde o vendaval do Concílio até o fim de sua vida, diante de um povo simples que se acha perplexo pelas mudanças todas que vão acontecendo na Igreja. Por isso, se sente chamado, quase que impelido, a dar esclarecimentos sobre a necessidade e o conteúdo de tais mudanças, bem como sobre a relação que a tarefa evangelizadora da Igreja tem com elas.

Uma frase sua, ainda que tirada de um contexto particularizado – o dos recursos financeiros da Igreja, sobre os quais é sempre útil dar ao povo todas as informações que evitem as crônicas incompreensões que surgem nessa área – poderia servir aqui como justificativa desta ótica que escolhemos para entender a teologia pastoral de Dom Afonso: “Vejo aí a

¹⁰ Carta à coluna ‘Opinião’, “Uma Igreja para Deus, ou uma Igreja para o Homem?”, no jornal “O Estado”, de 03/07/1977.



necessidade de informar corretamente. Os mistérios e segredos excitam a fantasia”¹¹. A teologia é de fato a busca do entendimento racional e razoável dos mistérios de nossa fé, com dois objetivos: de um lado, evitar que o homem caia em deformações místico-supersticiosas na satisfação de seus instintos religiosos e, de outro, encaminhá-lo a uma prática de diálogo com o mistério que o faça sentir-se animado a viver e fazer viver e dar a vida para que todos conheçam o sentido último de sua existência e se realizem como pessoas, na comunhão com Deus e com os irmãos.

a) Esclarecendo o fenômeno da secularização

Com um discurso sobre a modernidade e para o mundo da modernidade, Dom Afonso soube sempre descrever com realismo a situação da humanidade, ao mesmo tempo em que apontou caminhos de saída de uma situação perversa e inumana.

Eis a seguir algumas de suas descrições da realidade do homem moderno:

*“A incerteza do futuro perturba o presente, a descrença na solução dos problemas angustia o espírito humano, o desrespeito aos direitos humanos decepciona os mais otimistas, o alto custo dos gêneros de primeira necessidade leva famílias inteiras ao desespero”*¹².

*“O homem anda desnorteado porque larga mão de princípios fundamentais sobre os quais deveria construir sua vida e suas atividades. (...) A liberdade de pensamento e de ação sem senso de responsabilidade é o caminho certo e sem curvas na direção do abismo”*¹³.

*“Hoje as conquistas da ciência e da técnica desvendaram muitos segredos e alcançaram um domínio, senão completo, porém muito poderoso sobre a natureza com as suas maravilhas e energias. Produziu-se o fenômeno da secularização; muitos mitos ruíram por terra e foram substituídos por um conhecimento mais profundo das leis e comportamentos da natureza e da própria capacidade do homem. O encantamento cedeu lugar à realidade. Obviamente a Igreja toma em consideração este novo aspecto das realidades terrestres, e passa a situar-se num contexto assaz diferente do antigo”*¹⁴.

¹¹ Carta Pastoral “Caminhos de Renovação”, n. 17.

¹² Mensagem de Natal, no jornal “O Estado” de 23/12/1975.

¹³ Ibid.

¹⁴ Homilia na Missa das Vocações, no VIII Congresso Nacional do Serra Clube, em Curitiba, aos 14/10/1976.



Como se vê, a situação é descrita ao redor do fenômeno da secularização, no qual Dom Afonso percebe valores positivos a serem incentivados por uma nova mentalidade e também contravalores que desafiam a Igreja para uma nova postura em sua evangelização. Em sua visão de futuro, ele aponta saídas indicativas de um novo rumo, todas elas baseadas na verdade cristã sobre o homem, em sua capacidade de auto-superação e na verdade do Evangelho, com sua força de transformação do antigo para o novo, até a novidade definitiva do céu. A seguir, algumas de suas profissões de fé num futuro feliz para a humanidade que, em sua face moderna, se encontra atualmente perdida: “A esperança é não só a última que morre, mas também a primeira que abre caminhos para a vitória”¹⁵. E, celebrando o centenário de Jaraguá do Sul:

“Esse mergulho no passado (na história dos antepassados) deve retemperar nossa fibra e acautelar-nos contra o gérmen da decadência, que se oculta fatalmente no conforto e na facilidade da civilização. (...) Será então (daqui a cem anos, no bicentenário) um mundo diferente, dominado pela ciência, sofisticado pela técnica, será um mundo dessacralizado e realístico, fortemente planejado, plenamente intercomunicado, um mundo de poucos mistérios e muita autonomia de pensamentos e costumes. Será nesse ambiente cultural e sociologicamente secularizado, que as futuras gerações deverão sustentar e fomentar a crença em Deus, proclamar o amor de Deus aos homens, o amor dos homens entre si, aceitar a iluminação do Evangelho como palavra forte e definitiva de Deus Pai à humanidade, e defender a ideia do serviço como base da fraternidade anunciada e vivida por Cristo”¹⁶.

Reconhecer nossa condição de criaturas, de peregrinos, de destinados a passar pela morte, também é um meio de encaminhar-se para um futuro feliz:

“Nossa condição de peregrinos de Deus nos faz viver em humildade, sem presunção e sem orgulho. É a fé que alimenta nossa peregrinação, alivia nossos sofrimentos, sustenta nossa caminhada, e renova nossas energias espirituais, para continuarmos a crer em nós mesmos, a amar a humanidade, e a cumprir a missão que nos cabe de dar nossa parcela na construção de um mundo melhor”¹⁷.

¹⁵ Mensagem de Natal, no jornal “O Estado”, de 23/12/1975.

¹⁶ Homilia na Missa de Ação de Graças, no ano do Centenário de Jaraguá do Sul, em 18/01/1976, publicada na “Gazeta de Jaraguá”, de 23/01/1976.

¹⁷ Homilia na Missa de 7º. dia pelas vítimas de acidente aviatório, em 19/04/1980.



Enfim, para terminar este item, Dom Afonso nos ensina a crer no homem crendo em Deus, e vice-versa. Em resposta à pergunta de um jornalista sobre qual atitude a tomar, ou em que se apegar, na busca de melhorar a vida humana na terra, Dom Afonso responde:

*“Todo homem deve partir da valorização daquilo que ele é e aquilo que ele possui, em função do seu crescimento pessoal e do crescimento da comunidade na qual se insere. Depois, apegado aos valores divinos e aos legítimos valores humanos, ele deve lutar pelo desenvolvimento de suas capacidades de amor, solidariedade, fidelidade, honestidade, participação e responsabilidade”*¹⁸.

b) Esclarecendo o vendaval do Vaticano II

Dom Afonso foi um assíduo defensor da urgência de a Igreja deixar-se renovar com os ares do Vaticano II. Por isso, não se cansou na sua luta por esclarecer a importância desse acontecimento e da benéfica implantação de seus decretos na vida cotidiana da Igreja. Ainda em Roma, às vésperas do fim do Concílio, Dom Afonso soube apontar as resoluções básicas que iriam transformar a Igreja: a teologia da colegialidade episcopal, a motivação clara da missão e da espiritualidade do presbítero, a fundamentação teológica do sacerdócio dos leigos, a renovação litúrgica, a teologia do direito à liberdade religiosa, a modificação da perspectiva do lugar da Igreja em relação ao mundo, antes de enfrentamento, agora de estrita conexão. E preconizava:

*“Somente o suceder dos dias, com a conseqüente regulamentação dos documentos publicados, sua gradativa aplicação, a própria evolução contida em germen nas condensadíssimas proposições dos Padres, e a divulgação metódica e completa da história e da filosofia do Concílio, irão revelar a impressionante mudança de mentalidade que se produziu na Igreja durante estes quatro anos. (...) O futuro se encarregará de confirmar eloquentemente nossas previsões e mostrar ao mundo uma Igreja rejuvenescida”*¹⁹.

E, em entrevista aos seminaristas de Azambuja:

¹⁸ Entrevista ao jornalista Carlos Miguel Torres, no jornal “A Ponte”, 1ª semana de maio de 1982.

¹⁹ Palestra na Rádio Vaticano, aos 04/12/1965.



“A adaptação aos novos tempos inaugurados pelo Concílio foi, às vezes, difícil e causou não poucas dificuldades. A maior dificuldade que ocorreu, a meu ver, foi, e continua sendo, levar o povo a distinguir o essencial e o secundário na Igreja, e fazer compreender que os valores temporais se devem harmonizar com os valores sobrenaturais, no sentido de se formar um só plano de salvação”²⁰.

O Concílio Vaticano II foi, afinal, um evento da macro-história vivido em sintonia com a micro-história de sua pessoa e de seu ministério: “Participei deste Concílio como quem parte e quem chega. Estou de partida da diocese de Lages e de chegada à Arquidiocese de Florianópolis”²¹.

c) Esclarecendo a missão da Igreja no campo social

Da metade da década de 70 até o meio da década de 80, a Igreja no Brasil foi chamada, quase que diariamente, a emitir uma palavra sobre a realidade político-social que se estava vivendo. É nessa época que se encontram os mais ricos ensinamentos de Dom Afonso sobre a missão da Igreja no campo social. Como sempre, sua preocupação é esclarecer essa pretensão da Igreja em anunciar, também fora da sacristia, o Evangelho do seu Mestre. Aos simples e pobres, o esclarecimento se dá em forma de chamado à conscientização e à luta pelos seus direitos; aos grandes e detentores do poder, o esclarecimento vem em forma de apelo à conversão, à compreensão da abrangência sócio-política do Evangelho, ao despojamento de si e ao serviço em favor dos mais necessitados. Assim, em entrevistas a jornalistas, nos lançamentos das Campanhas da Fraternidade, em ocasiões em que acontecimentos da Nação ou do Estado demandavam sua palavra, Dom Afonso não perdia a ocasião para esclarecer por que a Igreja atua para além das fronteiras do especificamente religioso.

A seguir, alguns trechos luminares desse ensinamento:

“É natural que a Igreja denuncie, mas não apresente soluções. A Igreja tem um papel profético, de denunciar o que vê de errado, para que os técnicos, os governantes procurem outras soluções. Realmente, ela não tem um corpo doutrinal que diga quais as soluções para o regime, para

²⁰ Entrevista à revista “A Esperança”, órgão do GEMCO, do Seminário Menor Metropolitano, de Azambuja-Brusque, em 1980.

²¹ Palestra na Rádio Vaticano, aos 04/12/1965.



o País. Agora, a Igreja lança uma porção de subsídios para que os políticos, os técnicos, os governantes, se sirvam deles, para administrar melhor: (...) Nossa ação deve ser pela mentalização e pela conscientização. Se tivermos cidadãos mentalizados e conscientizados, teremos entre eles também técnicos e políticos com essa mentalização e essa conscientização”²².

De que maneira há de se dar essa missão de mentalização e de conscientização, sem cair na onda meramente progressista de tantos franco-atiradores? Numa missa de posse de governador, vamos encontrar uma resposta clara e concisa a esta pergunta:

“O cristianismo não pode ser apresentado puramente como força de desenvolvimento ou de libertação temporal, um movimento histórico a mais, a propor uma salvação intra-mundana, imanente à medida do próprio homem. A fé deve conservar sua transcendência e irreduzibilidade, não se deixando apropriar por nenhum sistema, por nenhuma ideologia. O cristão deve se identificar com o ‘homem novo’ do Evangelho, isto é, o homem carregado de dinamismo interno, capaz de transformar a sociedade. O homem novo é o que antepõe o ‘ser’ ao ‘ter’; é o que se converteu do egoísmo e da ganância para o amor e a partilha; é o que não se deixa mais dominar pelo instinto do mando e pela vontade de poder”²³.

É esta Igreja feita de homens novos que,

“mesmo enfrentando dissimulações da realidade por parte dos artificios societários capital-materialistas, mesmo sofrendo pressões de vários âmbitos, (...) não pode declinar de seus compromissos com o homem todo, deixando-o à mercê de explorações e dominações injustas”²⁴.

Conclusão: Assim, articulando sempre, numa relação de inclusão – integração, as duas metas da evangelização libertadora – a conversão de cada pessoa para ser homem novo em Cristo, e a transformação das estruturas para serem mediação da construção do Reino de Deus – Dom Afonso não tem dificuldades para ser um pastor ao mesmo tempo preocupado, de um lado, com a pastoral vocacional, a formação dos presbíteros,

²² Entrevista ao Clube dos Repórteres Políticos de Santa Catarina, no jornal “A Ponte”, da semana de 17 a 24 de maio de 1980.

²³ Homilia na Missa de Posse do Governador Jorge Konder Bornhausen, aos 15/03/1979.

²⁴ Editorial “No apagar das luzes”, por ocasião do final do ano de 1983, na “Revista Pastoral de Conjunto”, jan. de 1984.



a doutrina da moral pessoal, a defesa da vida, contra o aborto, a fidelidade ao Papa, e, de outro, com as pastorais sociais que vão respondendo aos desafios de uma realidade sócio-política que marginaliza os pobres, os migrantes, os sem-teto, os pescadores.

Fiel a Roma e fiel à América Latina, fiel ao Brasil e fiel à sua Arquidiocese, Dom Afonso é fiel ao Evangelho de Jesus Cristo. Dele se deverá dizer que foi fiel, enfim, a uma só (por isso, total) palavra de Jesus: “*Ide para a vinha*”. Dom Afonso viveu e trabalhou – e, no céu, vive e trabalha – na vinha de Cristo, que é o mundo, a humanidade e a Igreja, cada qual no seu nível de mediação do Reino do amor e da justiça.

Endereço do Autor:

Rua Esteves Junior 447

Centro

88015-130 Florianópolis, SC

E-mail: vitorfeller@arquifln.org.br